



METROPOLE

SSA-BA

WWW>JORNALDAMETROPOLE>COM>BR

Aumento das tarifas de transporte se soma à inflação e ao cenário desolador da pandemia. Baianos resistem. Págs. 4 a 6

06 MAI 2021

Mesmo com todo drama,

R\$4,40 METRÔ R\$4,10 INFLAÇÃO 6,10% COVID-19 18.850 MORTOS BUZU R\$4,40 METRÔ R\$4,10 INFLAÇÃO 6,10

a gente vai levando.





Há luar na minha língua

James Martins



ARTIGO



METROPOLE

Ontem, 5 de maio, celebrou-se o Dia Mundial da Língua Portuguesa. E isso me fez pensar no porquê de não ser a “nossa clara língua majestosa”, afinal, a tão desejada língua mundial. Pois, como sabemos, foi em português (sem dublagem) que a terra inteira, de repente, surgiu, redonda, do azul profundo. O mundo em Pessoa, podemos brincar. Porém, mal a gente desembarca no aeroporto de Lisboa e a língua inglesa já se impõe (as instruções vêm primeiro em Eisenhower que em Infante D. Henrique) como o verdadeiro idioma universal. “Brazilian coffee, please”. E por irônico que seja, hoje em dia, os mais aguerridos defensores da realidade da Escola de Sagres são os historiadores e escritores ingleses. Mas a pergunta é: por que o mundo todo (e até os ET’s dos filmes) falam inglês e não português? Meditando sobre o assunto, Monteiro Lobato apostou na questão da simplicidade, na lei do menor esforço. Para ele, o epíteto de “clara e [por isso] majestosa” cai melhor à língua inglesa, que tem bem menos flexões verbais e faz plurais só com os substantivos, sem variar os artigos: the man, the men. Para o grande escri-

tor, nós aqui devíamos nos guiar pela intuição dos iletrados e desobstruir a flor do lácio: a casa, as casa. Já a cantora Paula Fernandes, de forma bem shallow, decretou simplesmente que “o português não é uma língua muito melódica”.

PRA VIAGEM

E por falar em “shallow”, há mais de década o deputado Aldo Rebelo tentou enquadrar os estrangeirismos na forma da lei, visando, sobretudo, os exageros do comércio (sale, delivery etc). Como era de se esperar, não deu em nada. Mas, dada a discussão pandêmica em torno da expressão “take away”, vê-se que o político tinha lá sua razão. Pois takeawayaram tanto nossa capacidade de pensar em português que uma forma consagrada como “pra viagem” simplesmente desapareceu no horizonte. Assim como nunca entendi pra que trocar uma palavra linda, sonora, como bicicleta, por bike — que soa mais como um tombo. A música popular, aliás, satiriza essa mania desde Assis Valente (Goodbye, boy) até Zeca Baleiro (Samba do Approach). E seguindo nessa linha, Noel intro-

duz mais uma questão ao nosso papo: “Tudo aquilo que o malandro pronuncia, com voz macia, é brasileiro, já passou de português”.

BRASILEIRICE

Fato é que o Brasil deu à língua de Camões uma versatilidade maravilhosa, com a introdução de termos indígenas e africanos. Assim, se em Portugal o filho mais novo é chamado de benjamin, aqui o quimbundo “caçula” harmonizou ao idioma de forma já indissociável. Como bunda, caipira, farofa, cafuné e samba. E não se trata só de elasticidade, mas também de maciez, como observou Gilberto Freyre, a boca da ama negra criando “uma das falas mais doces deste mundo”, em palavras como dodói, pipi, cocô, Totonha etc. Como estamos cansados de saber, saudade é a palavra emblema da língua portuguesa. Mas que tal luar? Nenhum outro idioma criou um vocábulo que encarne assim o fenômeno. Chiaro di luna, clair de lune, moonlight... não são a mesma coisa. Luar coisifica a luz da lua, espalha-se na boca, na tela ou no papel como a própria. Sim, o inglês pode dominar o mundo, mas a língua que tem luar exprime uma luz divina.

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**

Editor de Arte **Paulo Braga**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **André Uzêda, Adele Robichez, Gabriel Amorim, Geovana Oliveira, Juliana Rodrigues e Kamille Martinho**

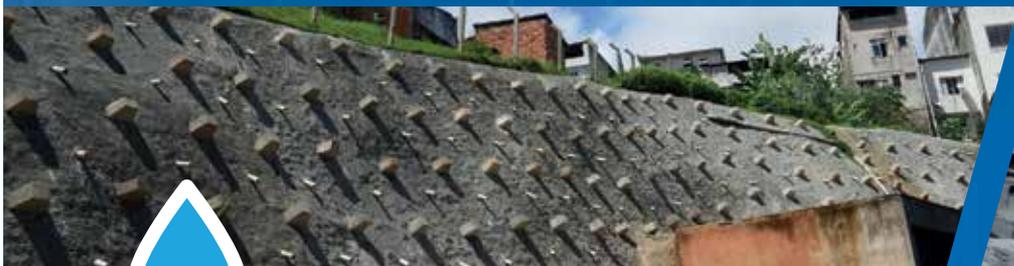
Revisão **André Uzêda e Ian Alves**
Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226Pernambúes CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



Operação
CHUVA
2 0 2 1

É a Prefeitura trabalhando para enfrentar as chuvas e salvar vidas.



110 contenções de encostas



206 geomantas



Limpeza de canais



6 mil podas de árvores



11 sirenes de alerta e alarme em 10 áreas de risco



209 áreas de relonamento de encostas

A Prefeitura que está lutando contra a pandemia também é a Prefeitura que está trabalhando para enfrentar as chuvas em Salvador. Com diversas obras e ações nos quatro cantos da cidade, a Prefeitura preparou Salvador para o período de chuvas. **Você também pode ajudar jogando o lixo no lixo e seguindo as dicas de segurança: nunca atravesse ruas alagadas e, ao primeiro sinal de deslizamento, saia logo de casa. E, em caso de emergência, disque 199.** Faça chuva ou faça sol, a Prefeitura de Salvador está sempre ao seu lado.

EM CASO DE EMERGÊNCIA
DISQUE 199



SALVADOR
PREFEITURA

PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

A vida ficou (mais) cara e difícil

Recentes reajustes nas tarifas de ônibus e metrô em Salvador ocorrem em cenário de empobrecimento geral, inflação e restrição das atividades de lazer

Texto **Geovana Oliveira**

geovana.oliveira@radiometropole.com.br

Um vírus mortal, crise econômica e isolamento social. Venda de bebidas alcoólicas condicionada à taxa de ocupação de UTI, toque de recolher limitando horário de permanência nas ruas. No estado, recorde de desemprego. Na capital, aumento nas tarifas de ônibus, nos produtos dos mercados e até no aluguel. Poderia ser o enredo de algum filme pós-apocalíptico, mas é o cenário real de Salvador em 2021.

A vida ficou mais dura desde o início da pandemia. Acostumados com o Carnaval como ritual para iniciar o ano, abraços em clássicos Ba-Vi e esperar pelos primeiros sinais do São João, os soteropolitanos assistiram aos seus hábitos e tradições se tornarem atividades perigosas e restritas.

A soma de tudo isso, segundo o psicólogo Marcus Vinícius Alves, tem gerado um aumento de casos de ansiedade, estresse e exaustão emocional nas clínicas de Salvador. Ele diz ainda que estudos apontam para um medo constante de contaminação, além da falta de esperança em relação

ao futuro. Esse cenário não é construído sem consequências. A socióloga Angela Borges destaca o nível de miserabilidade social atingido durante a pandemia.

“É o retorno absoluto da pobreza, em um contexto de desemprego elevadíssimo, e na completa ausência de alternativas”, destaca.

Em Salvador, a passagem de ônibus subiu vinte centavos, saltando para R\$ 4,40. A tarifa do metrô também teve reajuste, alcançando R\$ 4,10. A inflação acumulada, dos últimos 12 meses, é de 6,10%.

“Quem pega quatro transportes no dia gasta praticamente 1/3 do salário mínimo só em deslocamento”, diz o economista George Wander.

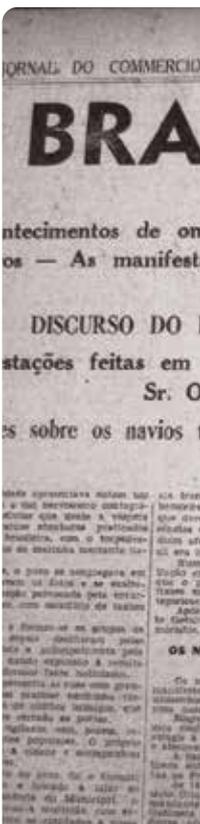
Um levantamento do Instituto Data Favela, em parceria com a CUFA, aponta que 68% das pessoas que moram em favelas em todo o Brasil passaram ao menos um dia sem ter dinheiro para comprar qualquer comida.

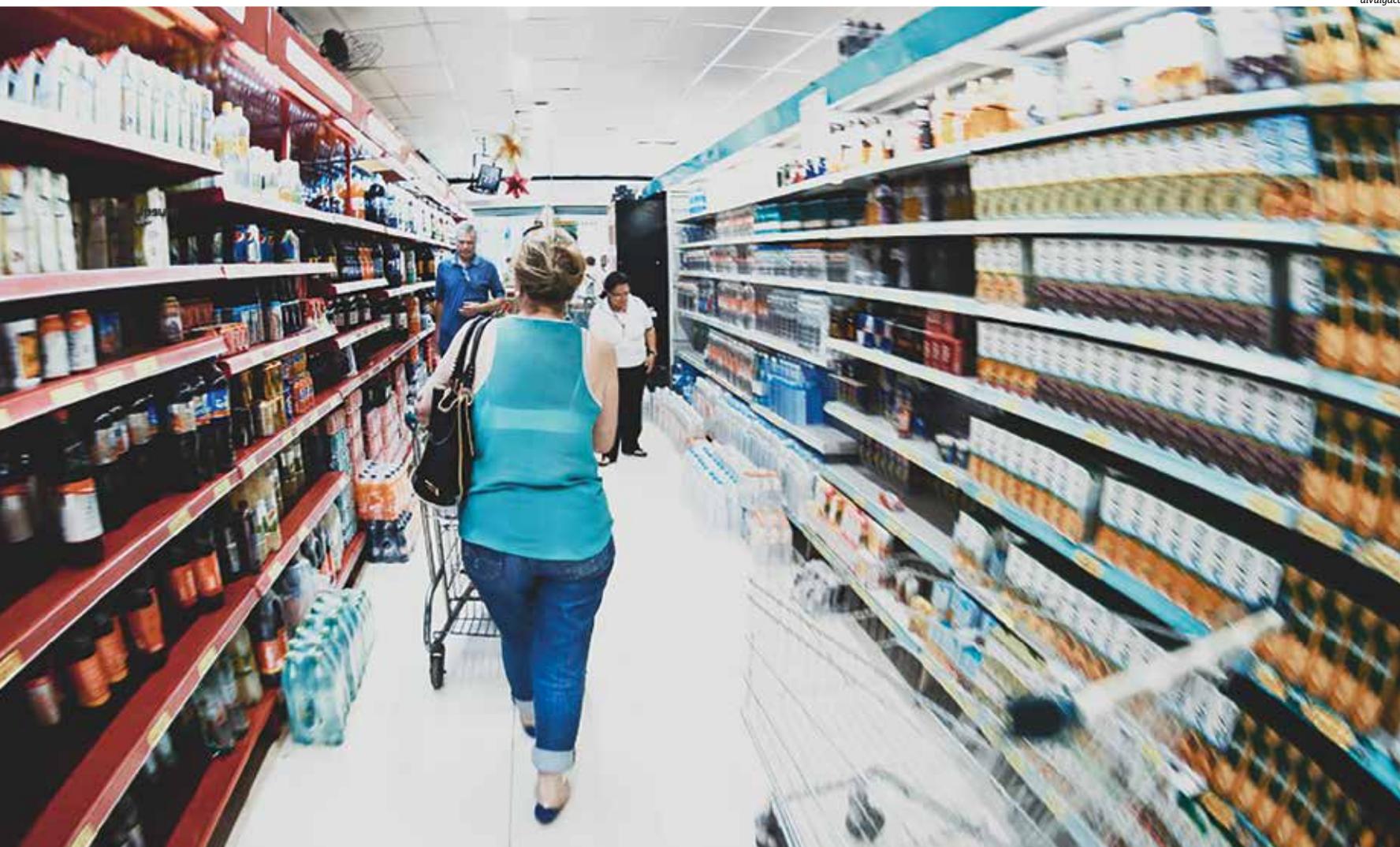
A socióloga cita o caso recente do supermercado Atakarejo, no bairro de Ama-

ralina, onde tio e sobrinho teriam sido entregues a traficantes após tentarem furtar carne. O aumento da violência — tanto pública, quanto privada — também aparece como uma possível consequência do cenário atual. “Simplesmente está se criando um caldo de cultura... Dessa vez foram dois exterminados. Isso não vai funcionar”, diz

Diante de tanta lama, tanto drama, por enquanto, como canta Chico Buarque, a gente vai levando...

Ônibus subiu para R\$ 4,40 e o metrô para R\$ 4,10. Inflação tá em 6,10%





CIDADE



METROPOLE



Dificuldades remetem aos efeitos da II Guerra na Bahia

O último período no qual tudo esteve tão difícil para os soteropolitanos foi durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O Brasil não participou ativamente do conflito, mas sofreu alguns de seus efeitos. Um artigo da historiadora Consuelo Novais Sampaio, da Academia de Letras da Bahia, dá uma ideia do que aconteceu na época. Nele, Consuelo conta que houve um aumento absurdo no preço dos alimentos, racionamento de gasolina e ainda blecaute. Muitos baianos também foram enviados pela Força Expedicionária Brasileira (FEB) para lutar na Itália.

Em um contexto parecido com o de hoje, a vida piorou muito na Bahia. As atividades econômicas do Estado foram orientadas para atender às necessida-

des da guerra. Com isso, o governo passou a importar alimentos do sul do país, o que aumentou muito o custo de vida.

O racionamento de gasolina chegou ao estado em junho de 1942. Em dado momento, apenas duas bombas funcionavam em toda a Bahia — uma na Praça Castro Alves e outra no Comércio. Outro pesadelo foi o blecaute parcial. Em Salvador, nem uma fresta de luz poderia ser percebida do lado de fora das casas, por medo de bombardeios no litoral do país.

Esse cenário de terror teve fim com o armistício, em maio de 1945, e os baianos comemoraram em grande estilo. Os jornais da época descreveram a agitação como “um dos mais animados dias carnavalescos” existentes na história da Bahia.

Jornal informa o período no qual o Brasil enviou tropas para combate na Europa. Na Bahia, faltaram alimentos, teve blecaute e racionamento de gasolina

Comida e aluguel apertam orçamento

O custo de vida em Salvador está cada vez mais caro. Só para pegar quatro ônibus por dia, com a tarifa a R\$ 4,40, uma pessoa pode gastar em média R\$ 352 por mês - ou seja, um terço de um salário mínimo. Quem diz é o economista George Wander. Segundo ele, os aumentos de preços afetam as pessoas de diferentes formas.

“A depender da sua posição social, você vai sofrer mais ou menos. E, infelizmente, quem mais sofre são os pobres, porque o índice marginal é justamente aqueles itens que precisamos para sobreviver”, afirma.

Óleo, arroz, carne, feijão e tomate se tornaram quase inacessíveis. E isso também é sentido nas contas de luz e nos contratos de aluguel. De acordo com o economista, pelo acumulado do último ano, um aluguel de mil reais, na hora de renovar, passaria a valer R\$ 1.300.



Com aumento da tarifa, passageiros que ganham um salário mínimo passaram a comprometer 1/3 do orçamento

CIDADE



METROPOLE



jefferson peixoto/secom pms

Mulher carrega bebê no colo durante fila de vacinação em Salvador

Mulheres jovens são as mais afetadas neste momento

“A gente está morando dentro de um contexto agressivo”, diz o psicólogo Marcus Vinícius Alves. O profissional pontua que os soteropolitanos estão mentalmente exaustos. Em sua clínica, sequer sobram horários para novos pacientes.

O medo de ficar doente, o medo da morte e outras questões relacionadas à pandemia (como a falta de emprego e a possibilidade de não ter comida) aumentam os sintomas de estresse e ansiedade severa nos soteropolitanos.

Uma pesquisa que o professor conduz, em parceria com a UFBA e universidades

de São Paulo e da Espanha, aponta ainda que as mais afetadas pela pandemia são mulheres jovens. Os especialistas atribuem os dados a uma sobrecarga pela maior quantidade de serviços — com filhos pequenos e atividades domésticas.

“A ansiedade é uma resposta a estímulos agressivos. Então, como a gente está nesse contexto, eu me surpreenderia se as pessoas não estivessem mal”, afirma Alves.

Mas, segundo ele, as pessoas se habituaram a viver na pandemia e nesse cenário complicado. “As pessoas passaram a se preparar, se adaptar, e isso ajuda”.

“Hoje eu sei cuidar da minha filha, graças ao Instituto.”

Laudeci, deficiente visual.

DOE AGORA: TEL/PIX: 71 98817-3193
institutodecegosdabahia.org.br/doeagora



Fora da área de cobertura

Pandemia forçou novas conexões por meio da internet; na Bahia, quase um terço da população segue sem qualquer tipo de acesso

Texto **Adele Robichez**

adele.robichez@metrol.com.br

Desde março de 2020, quando a pandemia mudou radicalmente as relações sociais, a internet ganhou um protagonismo na mediação de festas, shows, espetáculos de dança, teatro e transformou até os simples encontros entre amigos e familiares.

“Esse é o principal fator da pandemia. Ficar isolado por conta do contágio, mas manter contato com outros”, afirma André Lemos, professor de comunicação e tecnologia da Universidade Federal da Bahia (Ufba) e colunista da **Rádio Metrópole**.

Falta de acesso é entrave na educação à distância

“Eu tenho uma amiga que não tem internet e vai na casa da tia pra conseguir assistir às aulas”, conta Maria Alice Cordeir, 16 anos, estudante do Colégio Estadual Thales de Azevedo.

A situação ilustra a análise do professor André Lemos. “A pandemia mostra o despreparo na sociedade brasileira: a deficiência de conexão, moradia, saneamento básico... O vírus ajuda a mostrar essa realidade”, declara.

Na Bahia, no entanto, uma a cada três pessoas vive este momento completamente offline. De acordo com os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 28,7% da população baiana, a partir dos 10 anos de idade, não tem qualquer tipo de acesso à internet. Os números são referentes ao quarto semestre de 2019, portanto, um período antes da pandemia.

Uma dessas pessoas é a aposentada Joana Guedes do Nascimento, de 65 anos, moradora do Candeal de Brotas. Ela justifica a falta de acesso no desinteresse pelo

ambiente virtual. Para conseguir falar com ela, seu vizinho tem que se deslocar até a sua casa para emprestar o telefone, pois ela também não tem um aparelho celular.

“Não me ligo e não gosto”, afirma Joana, sem pensar duas vezes. “Procuo não ficar infiltrada nessas coisas. Assisto meus programas na TV”, completa. Questionada sobre como mantém as relações durante a pandemia, ela diz: “consigo falar com meus irmãos, eu vou só na casa deles, e falo com o seu Nicolau, meu vizinho. Com os outros, uso o telefone e pronto”.

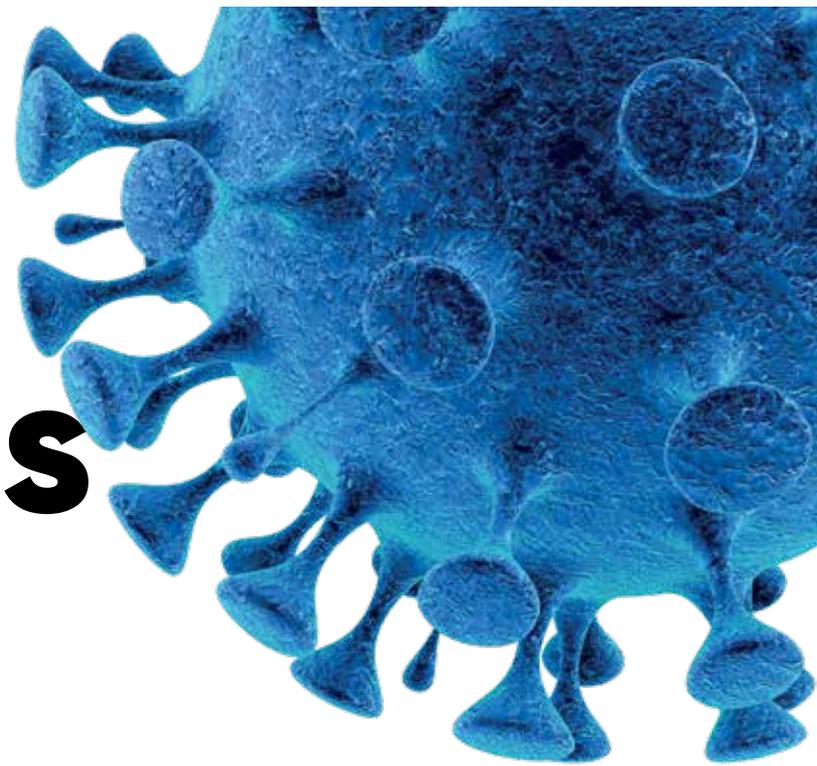
Mundo conectado se mantém pós-Covid

“Vamos ter que encarar com mais seriedade as conexões”. A fala de Lemos parte da crença de que a comunicação à distância permanecerá fazendo parte da vida das pessoas de forma decisiva, mesmo depois da pandemia.

“Acho que, inicialmente, teremos um movimento de busca por uma vida como era antes e, aos pouquinhos, vamos cair na real e perceber que não vai voltar”, avalia.



Um vírus Duas ondas Três cepas



Novas variantes na Bahia fazem crescer número de mortes no estado, superando, em quatro meses, o acumulado de 2020

Texto **Juliana Rodrigues**
juliana.rodrigues@metro1.com.br

Os números ajudam a ilustrar o perigo representado pelas novas variantes do coronavírus. A segunda onda da pandemia já fez o Brasil superar, em quatro meses, a quantidade de mortes por Covid-19 de todo o ano de 2020.

A Bahia segue a mesma tendência. De 1º de janeiro até 28 de abril, foram 9.170 mortes - 42 a mais que todo o ano passado, segundo dados da secretaria de Saúde do Estado (Sesab).

Segundo o médico infectologista Antônio Bandeira, atualmente, três variantes circulam no estado: a P1 (originária de Manaus), a B.1.1.7 (do Reino Unido) e a P2 (do Rio de Janeiro).

P1 provoca mais mortes mesmo com menos infecções

Se, por um lado, o índice de mortes de 2021 já é maior que o do ano passado, o número de novas infecções não seguiu a mesma disposição: até 28 de abril, foram 399.876 casos de Covid-19 no estado, cerca de 93,5 mil a menos do que em 2020.

Para Badaró, a maior proporção de mortes é um indicativo da agressividade das novas cepas. “O vírus está mais forte, e é essa virulência que está determinando uma morta-

As novas cepas já identificadas na Bahia, diz o infectologista, tornam o vírus mais transmissível. “Esse ano, o que a gente viu foi um aumento muito grande no número de casos. Só em março, tivemos 120 mil casos. Em nenhum mês do ano passado tivemos um número tão alto quanto esse. Isso acaba refletindo no número de óbitos, e tem nos preocupado muito”, explica.

O infectologista Roberto Badaró reforça o coro da preocupação com a variante de Manaus, que, segundo ele, já é responsável por mais de 80% dos casos de Covid-19 nos hospitais da Bahia e pode ser mais letal. “Muitas pessoas que já tiveram Covid acabam sendo reinfectadas”, afirma.

lidade, sobretudo, de pessoas mais jovens”, avalia.

O infectologista Gúbio Soares não descarta essa possibilidade, mas considera que a alta no número de mortes pode estar relacionada aos critérios epidemiológicos. “Tem pessoas que estão internadas há três, quatro meses, e estão morrendo agora. Por outro lado, pode ser que algumas das novas cepas sejam mais agressivas. Isso depende de estudos”, pontua.

Especialistas reforçam importância da máscara

Questionados sobre os possíveis cenários da pandemia na Bahia para os próximos meses, os especialistas ouvidos pelo **Jornal da Metrópole** veem indícios de melhora. “Está se projetando que a partir de junho e julho, quando mais pessoas tiverem sido infectadas e imunizadas, haja uma queda dramática no número de infecções, como está ocorrendo em outros países”, diz Badaró.

Com a vacinação caminhando a passos lentos, os cuidados para evitar a infecção pelo vírus tornam-se ainda mais necessários, a exemplo do uso de máscara, da higienização das mãos e do distanciamento social. No entanto, não basta usar máscara de qualquer jeito, como explica Soares: “As pessoas ficam com a mesma máscara a semana toda, aí não funciona. É preciso trocar e lavar as máscaras de pano. As máscaras N95 e hospitalares, que são mais recomendadas, já são encontradas com maior facilidade”. Para ele, as mutações não são a única causa para o aumento dos números, já que “as pessoas têm facilitado muito” ao não respeitarem as medidas de combate ao vírus.

Pela metade é dose

Sem estoque da CoronaVac, Salvador vive crise e mais de 40 mil pessoas aguardam reforço na vacinação

Texto Gabriel Amorim

gabriel.amorim@radiometropole.com.br

A felicidade de ser vacinado contra a Covid-19, em Salvador, não se completa. Desde a semana passada, pacientes que receberam a primeira dose da CoronaVac não conseguem alcançar a plena imunização no prazo estabelecido, de 28 dias, entre uma aplicação e outra.

No total, 40 mil soteropolitanos aguardam hoje na fila pela dose de reforço. Em meio à crise, o próprio prefeito de Salvador, Bruno Reis (DEM), admite que não há condições de suprir o público que aguarda a aplicação. Nos próximos dias, a capital baiana espera uma remessa de 10 mil vacinas - o que atende apenas um quarto da demanda em espera.

A crise, diz o prefeito, surgiu após a Secretaria Municipal de Saúde seguir a recomendação do governo federal de aplicar todas as doses e não mais guardar uma quantidade para quem já tinha sido imunizado. “A gente sempre fez a retenção de 50% das doses. Nos lotes 8, 9 e 10 seguimos a recomendação de aplicar tudo”, disse.

Em sua live semanal, o governador Rui Costa (PT) também foi questionado sobre o assunto. “Enquanto foi possível, a Bahia sempre escolheu guardar. Mas depois veio a orientação do Ministério da Saúde de aplicar tudo. E nós precisamos seguir”.

O **Jornal da Metrópole** procurou o Ministério da Saúde, que se limitou a dizer “que, semanalmente, coordena reuniões com as gestões de saúde estaduais e municipais para definir a orientação adotada a cada nova distribuição”.

O ministro Marcelo Queiroga, no entanto, admitiu a falha em declarações recentes, responsabilizando seu antecessor, Eduardo Pazuello, pelo erro.

Atraso não impede imunização

O atraso na hora de receber a segunda dose interfere diretamente na pró-

pria resposta imunológica causada pela vacina. Segundo especialistas, quem toma apenas uma dose de CoronaVac não pode se considerar vacinado.

É preciso a chamada dose de reforço para que o corpo reaja e crie anticorpos. No entanto, não há estudos que indiquem que há prejuízos da vacinação fora do prazo estabelecido (de 28 dias, entre uma dose e outra). “O Ministério da Saúde tem sinalizado que este prazo deve ser ampliado para 40 dias, sem que haja redução da eficácia”, informa a Sesab.

Os médicos explicam que, apesar da falta da segunda dose interromper o processo de vacinação, a imunização não precisa ser reiniciada. “A pessoa não está imunizada apenas com uma dose, mas o sistema imunológico guarda a memória. Então, mesmo com atraso, quando a pessoa recebe a segunda dose, o corpo consegue reagir para formar a resposta de defesa”, detalha a infectologista Clarissa Ramos.





O jornalismo e a antecipação da morte

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

ARTIGO



METROPOLE

As redes sociais redimensionaram o significado do verbo morrer, até para segmentos do jornalismo, para quem deveria ser óbvia a diferença entre estar morto e estar vivo. O falecimento do ator Paulo Gustavo, aos 42 anos, após quase dois meses de internação por Covid, foi objeto de mais uma repetição da antecipação da morte de uma pessoa famosa. Na tarde de terça-feira, quando começaram a circular as informações de que o quadro de saúde do ator se agravava e se tornara irreversível, repetiu-se nas redes sociais, e em maior escala, o mesmo roteiro do obituário antecipado quando da morte cerebral do apresentador Gugu Liberato, em novembro de 2019.

Uma postagem da época, feita em um site de notícias em Salvador, definia bem o neoenquadramento dado à morte dos famosos em tempos de concorrência acirrada pela instantaneidade do furo jornalístico em plataformas digitais. Mais importante que a fidedignidade da informação é a velocidade e o imediatismo de quem anuncia primeiro, independentemente da imprecisão da notícia publicada. Ou melhor, postada. A postagem de 2019 sobre Gugu dizia algo mais ou menos assim: “Apresentador Gugu morre aos 60 anos após acidente doméstico; assessoria nega”. Algumas horas depois, a assessoria confirmou.

Não foi muito diferente com a morte de Paulo Gustavo. Embora o óbito só tenha sido confirmado oficialmente por volta das 21 horas da terça (4 de maio), desde o meio da tarde vários sites pouco expressivos e a

Rede Record já haviam “cravado” a morte, levando anônimos e famosos amigos do ator a baterem boca o resto do dia, debatendo ética jornalística, a falta dela, e trocando ofensas como corvos, abutres e insensíveis. O jornalismo, aliás, quando pega gosto por uma palavra da vez, não escreve um parágrafo sem usá-la. E cravar é o verbo de agora, uma espécie de confirmação e martelo batido sobre algo. Não se confirma nem se garante mais nada. Crava-se. Como um prego.

PASSAMENTO

No contexto da tragédia da Covid, além do glossário imenso intrínseco à pandemia, os jornalistas adotaram sem moderação o verbo ceifar (vidas), para morrer e matar, e o substantivo passamento. Nem servem para suavizar a morte e substituem mal os já péssimos fazer a passagem e ir para outro plano. O presidente Bolsonaro recorreu a passamento para manifestar seus sentimentos com a morte de Paulo Gustavo nas redes. Mas seja lá como venhamos a nomear a morte e o ato de morrer daqui para a frente, ainda deveria ser obrigatório manter clareza e consenso sobre ‘quando’ uma pessoa, famosa ou anônima, deve ser anunciada morta.

Algo semelhante à confusão informativa que se viu em torno da morte de Paulo Gustavo aconteceu recentemente também com a morte do psicanalista Contardo Calligaris. Com a sua não morte, melhor dizendo. Um post de despedi-

da do filho em uma rede social foi interpretado como o anúncio oficial da morte pela família e daí para um site publicar o falecimento foram minutos, com os mesmos desdobramentos. Acusações de insensibilidade, de espalhamento de fake News, crueldade, desrespeito.

Antecipação também aconteceu com a atriz Nicette Bruno e com o policial militar alvo de tiros no episódio do suposto surto no Farol da Barra. Em todos esses casos, as pessoas morreram, mas horas ou dias após suas mortes serem anunciadas on-line. Em um cenário de tantas mortes, todos os dias, e quando se fala tanto em protocolos, é tão difícil assim estabelecer um consenso para quando se pode dizer que uma pessoa está viva ou está morta? O que não dá é para clicar num link e deparar-se com um está vivo/está morto, como nesse texto, publicado ainda no meio da tarde dessa terça-feira: “Site diz que Paulo Gustavo morreu, mas família e hospital não confirmaram oficialmente a notícia - Paulo Gustavo morre após mais de 40 dias intubado com COVID-19”. É o leitor, então, quem decide a condição de morto ou vivo?

O jornalismo quando pega gosto por uma palavra não escreve um parágrafo sem usá-la

UM CARRO À SUA FRENTE MUDA DE FAIXA. COMO VOCÊ ENCARA?

- Motorista à frente deu uma fechada em você**
- Motorista à frente viu um carro no acostamento**

**MAIO AMARELO
VIABAHIA.**



ESCOLHA DIRIGIR COM RESPEITO

O Maio Amarelo é um movimento internacional que busca alertar e conscientizar as pessoas sobre a necessidade de reduzir acidentes. A VIABAHIA convida você a se engajar nessa campanha e fazer, junto com a gente, um trânsito mais empático e seguro. Estamos realizando diversas ações educativas para lembrar que as rodovias são um ambiente coletivo. Respeito e responsabilidade salvam vidas.

**MENSAGENS EDUCATIVAS
AO LONGO DAS RODOVIAS**

**COLABORADORES E PRAÇA
DE PEDÁGIO VESTIDOS COM
AS CORES DA CAMPANHA**

**AÇÕES PARA PREVENÇÃO DE
ACIDENTES NAS BR-116 E BR-324**

**PRIMEIRA CONCESSIONÁRIA FEDERAL
DE RODOVIAS A CONQUISTAR A
CERTIFICAÇÃO ISO 39001**



Eu quero a minha mãe

Jornal da Metropole homenageia Dia das Mães com depoimento comum a muitos jovens durante a pandemia: saudade do contato físico e da presença constante

O administrador Guilherme Vieira, de 25 anos, mora há quase dois anos no Canadá. Desde então, nunca mais teve contato presencial com sua mãe. Às vésperas do dia delas, a repórter Kamille Martinho ouviu o soteropolitano, que deu um depoimento sobre saudade, distância e a vida longe de sua mãe.

VIDA LONGE DE CASA

Vão fazer dois anos que moro no Canadá. Vim em junho de 2019, por alguns motivos: estudar, buscar novas perspectivas no mercado de trabalho e fugir da violência em Salvador. Este terceiro foi o principal. A última vez que estive com Ana Paula, minha mãe, foi no aeroporto Luís Eduardo Magalhães, antes de vir para as terras canadenses. Ansiosos, fazíamos planos para eu ir ao Brasil, em algum momento, ou ela vir me visitar. Depois de um tempo, minha mãe e minha sogra conseguiram se programar para visitar o Canadá em abril de 2020. As passagens foram compradas. Todo o planejamento foi feito. Eu e minha esposa já tínhamos uma planilha com programação de passeios e atrações turísticas para irmos com elas, e até já tínhamos ajustado nossos horários de trabalho. O primeiro caso de coronavírus em Toronto foi registrado em janeiro de 2020 e, até então, não era uma preocupação. Entretanto, o vírus foi ganhando cada vez mais espaço no noticiário e começamos a perceber que nossos planos estavam ficando cada vez mais distantes. A pandemia virou uma dura realidade, os voos foram cancelados e até a programação de fim de ano para Salvador teve que ser adiada.

Estávamos em março quando os casos



Foto 1: Guilherme Vieira ao lado da mãe Ana Paula em aniversário. Foto 2 e 3: abraços e beijos entre os dois

de Covid-19 estouraram no Canadá. Surgiu o lockdown e a esperança do controle da situação. Quando percebemos a gravidade da pandemia, a frustração foi grande. Então decidimos que, mesmo se os voos fossem mantidos, seria melhor que nossas mães não se arriscassem. A minha, especificamente, ficou muito nervosa porque eu tenho asma. Depois de algumas consultas online, um médico nos tranquilizou. Hoje, por minha asma estar mais controlada, ele disse que não seria um problema, mas salientou a necessidade de manter os cuidados.

CONTATO PELA INTERNET

Pra tentar matar a saudade, mantemos o contato, quase que diário, atra-

vés do WhatsApp. Uma vez por semana nos falamos por vídeo, mas ainda assim, definitivamente, não é a mesma coisa de estar junto. Minha mãe é a minha maior incentivadora, sempre ao meu lado.

Sempre fez de tudo para me providenciar o melhor, mesmo em situações difíceis. Devo todas minhas conquistas e realizações a ela. Esse será o segundo dia das mães à distância. Dias como esses, que estaríamos reunidos com toda a família, são quando a saudade mais aperta. Espero que até o final de 2021 as coisas melhorem para que ela possa ver de perto minhas novas conquistas. Ou então, que eu vá até Salvador matar a saudade e dar um abraço apertado nela e em toda a família.

Veloso Belchior

Final entre Bahia x Ceará reacende disputas na música e na crença dos milagres católicos

Texto **André Uzéda**

andre.uzeda@radiometropole.com.br

Acesa por conta do futebol, a rivalidade entre baianos e cearenses vive mais um capítulo no próximo sábado. Em Fortaleza, na Arena Castelão, Bahia e Ceará definem a final da Copa do Nordeste. A vantagem é ampla, geral e irrestrita dos *alencarinos*, que jogam por um empate para levantar o terceiro título do torneio – os dois anteriores foram vencidos, justamente, sobre o Esquadrão.

Ao longo dos tempos, em outras searas, não é a primeira vez que rugas e embates se acumulam. Em uma das mais famosas, uma disputa musical e poética entre duas expressões artísticas: Caetano Veloso e Belchior.

Em 1976, em sua obra-prima (o disco *Alucinação*), Belchior fez críticas ao santoamarense. Na música “Retrato 3x4”, por exemplo, chega a

citar nominalmente o cantor: “Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do norte e vai viver na rua”.

No mesmo álbum, uma nova alfinetada do bigode mais famoso da MPB, desta vez na música “Rapaz Latino-Americano”. “Mas sei que nada é divino... Nada... Nada é maravilhoso, nada”. A indireta era para a composição “Divino e Maravilhoso”, de 1969.

As provocações musicais avançam em um ringue sacrossanto. Se em 2019, irmã Dulce foi canonizada a primeira santa nascida no Brasil, os cearenses reivindicam o posto desde 1934 – ano da morte de Padre Cícero. Carismático, o ‘padim’ é considerado provedor de causas impossíveis. Para os baianos – e para o Vaticano –, os milagres comprovados ficam por conta da baiana. Que venha mais um.

As disputas



CAETANO VELOSO

O compositor baiano escreveu que o “pessoal do Ceará” tinha como marca o confronto com os tropicalistas



BELCHIOR

O cearense admirava Caetano, mas não deixava de alfinetá-lo. No disco *Alucinação*, isso acontece em dois momentos



IRMÃ DULCE

Canonizada em 2019, Irmã Dulce é a primeira santa nascida no Brasil. A baiana teve milagres reconhecidos pelo Vaticano



PADRE CÍCERO

Considerado milagreiro no sertão do Cariri, ‘Padim Ciço’ é até hoje cultuado nas romarias em Juazeiro do Norte



Responsável Técnico:
Dra. Silvânia Rocha

CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA

para você!



INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438

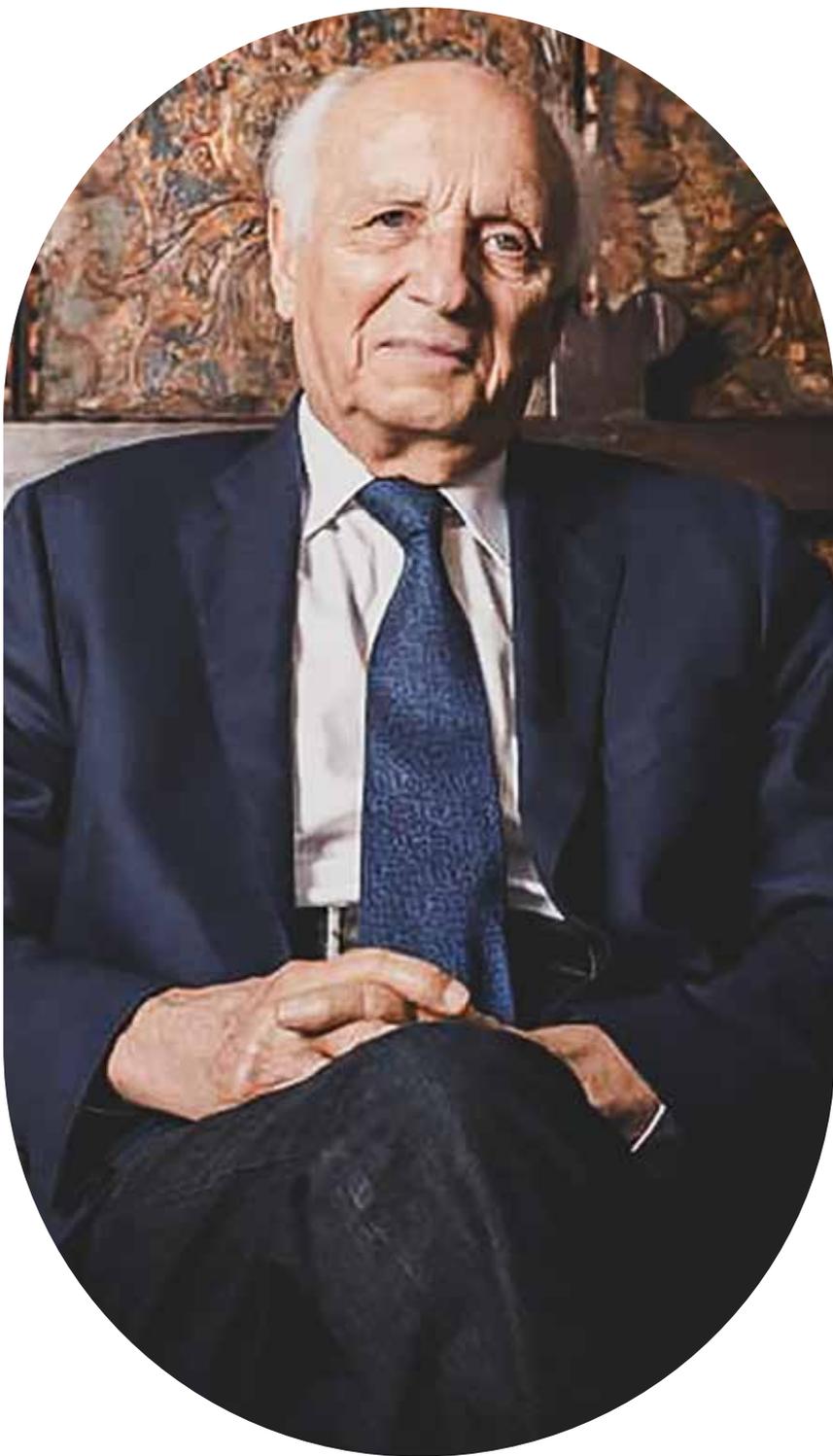
SR
CURSOS

Curso
VIP

ENTREVISTA

Rubens Ricupero

EX-MINISTRO E EMBAIXADOR



A imagem do Brasil, no exterior, é a de um país maligno. A afirmação foi dada pelo ex-ministro da Fazenda (no governo Itamar Franco) e embaixador Rubens Ricupero, em entrevista a Mário Kertész, na **Rádio Metropole**.

“Essa política de fazer inimigos, que o Brasil adotou, teria consequência. É a primeira vez na história que a gente passa por isso”, pontua.

Ricupero acredita que muito dessa antipatia tem relação direta com as políticas ambientais do governo Jair Bolsonaro (sem partido) e com a relação que ele estabelece com os povos indígenas.

“No mês de março deste ano, tivemos a pior devastação em doze anos. E março nem é historicamente o pior mês de devastação da Amazônia, porque é um período de chuvas. No entanto, foram destruídos 840 km² da floresta”, diz.

AGROTROGLODITAS

O embaixador fez ainda duras críticas ao ministro do Meio-Ambiente, Ricardo Salles, e ao que acredita ser uma política de favorecimento ao agronegócio, no estímulo da devastação da floresta Amazônica.

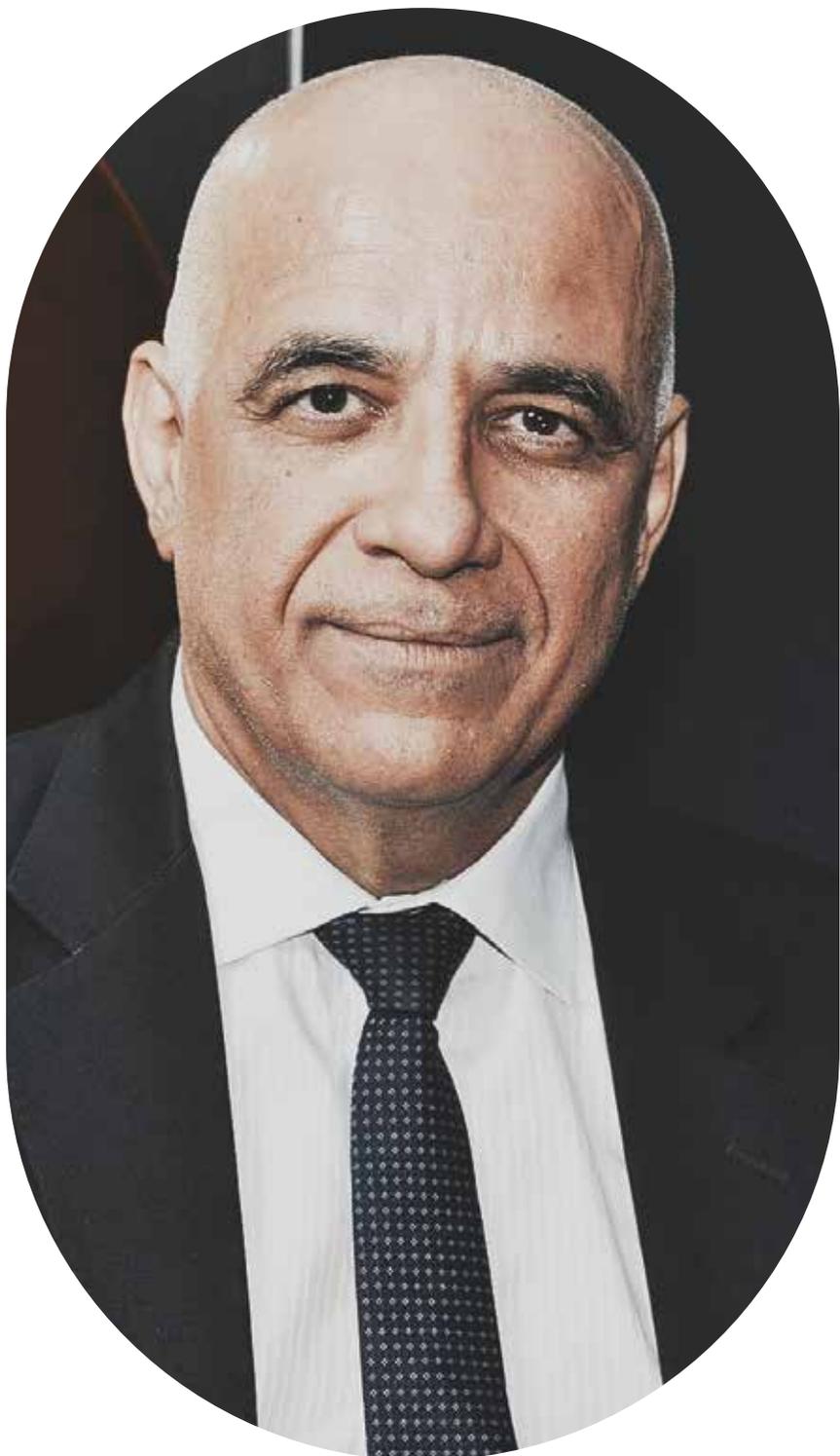
“Os agrotrogloditas põem fogo na floresta para depois reivindicar a posse de terras. É a grilagem. A especulação imobiliária. Eles dizem que quem põe fogo na floresta é o pequeno agricultor. Mas isso corresponde a menos de 7% da destruição, porque desmatar um hectare custa muito dinheiro. Mais de dois mil dólares. E quem banca isso é quem tem dinheiro”, afirma.

PANDEMIA

Por conta desses posicionamentos destrutivos, avalia Ricupero, o mundo tem virado as costas para o Brasil durante a pandemia. Enquanto a Índia tem ajuda humanitária diante da explosão de casos de Covid-19, compara, o Brasil passou a ser “ignorado”.

Ricupero acrescenta ainda que, desde a eleição de Joe Biden, nos Estados Unidos, o Brasil tem sinalizado mudanças de discursos, embora sem mudar a essência de um “pensamento nocivo”.

“A eleição americana fez Bolsonaro mudar muitas posições. O discurso dele hoje não é mais aquele discurso duro de oito meses atrás em relação à pandemia. Ele fala até da chegada da vacinas agora. E, de vez em quando, até usa máscara. Mas só de vez em quando”, ironiza.



divulgação

ENTREVISTA

Jessé Souza

SOCIÓLOGO

Autor de mais de vinte livros que buscam radiografar o funcionamento da sociedade brasileira, o sociólogo Jessé Souza criticou a figura do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) durante entrevista a Mário Kertész, na **Rádio Metrópole**.

“Bolsonaro é filho dessa fraude enorme. Do golpe, da Lava-Jato. Ele é o produto máximo disso”, pontuou. O sociólogo também nomeou o presidente como “maluco, mau e perverso” e disse enxergar uma luz no fim do túnel com o andamento da CPI da Covid, no Senado Federal. “Acho que esse cara não continua”.

IMPRENSA

Questionado por Kertész sobre a ação do Congresso brasileiro na composição do conservadorismo no país, Souza defendeu uma reforma para “restituir a inteligência do povo”.

“A história do Brasil é imbecilizar o povo. Precisamos fazer a reforma de restituir a inteligência popular. E isso é possível a partir da imprensa, uma imprensa pedagógica, que ensine, mostre como funcionam as instituições, os modelos de poder. Isso vai se refletir diretamente no voto”.

CONHECIMENTO LIBERTA

Jessé Souza finalizou defendendo uma democratização do conhecimento e da informação.

“O conhecimento liberta. Precisamos conhecer para nos defender da manipulação. Para nos protegermos disso. Só o conhecimento vai capacitar uma sociedade verdadeiramente democrática. A grande revolução não é de sangue. É de consciência”.

Bolsonaro é filho dessa fraude enorme. Do golpe, da Lava-Jato. Ele é o produto máximo disso”

ENTREVISTAS



METROPOLE

**PARA ENFRENTAR O MAIOR
DESAFIO DA HISTÓRIA DO PAÍS,
A BAHIA ESTÁ REALIZANDO
O MAIOR PROGRAMA DE
AUXÍLIO DO BRASIL.**

**MAIS DE 1 BILHÃO
EM INVESTIMENTO
PARA CUIDAR DE
MILHÕES DE BAIANOS.**



CUIDANDO DE QUEM MAIS PRECISA:

- Pagamento da conta de água para 860 mil baianos.
- 200 mil vagas gratuitas para cursos de qualificação.
- 6 mil vagas de cursos profissionalizantes com bolsas de 120 reais.

CUIDANDO DOS ESTUDANTES E SUAS FAMÍLIAS:

- Vale-Alimentação de 55 reais para 800 mil estudantes.
- Bolsa-Presença de 150 reais para 257 mil famílias.
- Bolsa Mais Estudo no valor de 100 reais para estudantes-monitores.
- Prorrogação por 3 meses das bolsas de estudos científicos.

CUIDANDO DO EMPRESÁRIO E DOS EMPREGOS:

- Prorrogação do ICMS para 60 mil comerciantes.
- Crédito Especial para 25 mil microempreendedores.
- Prorrogação do IPVA para transporte escolar, turístico e autoescola.

PROGRAMA
**ESTADO
SOLIDÁRIO**


**GOVERNO
DO ESTADO**
BAHIA *SEM ORGULHO*